

MUSICOTERAPIA EM GRUPO COM CRIANÇAS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: MANIFESTAÇÕES MUSICAIS E SOCIOCULTURAIS.

Bárbara Virginia Cardoso Faria⁹
Rosemyriam Cunha¹⁰

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar as manifestações socioculturais e musicais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em encontros musicoterapêuticos em grupo. Foram realizados cinco encontros dos quais foram feitos registros em imagens, protocolos de observação e diário de campo com a presença de duas crianças com TEA e duas pesquisadoras,. A análise dos dados resultou em duas categorias: manifestações socioculturais e musicais. O estudo indicou a possibilidade do trabalho em grupo com crianças com grau leve de TEA já que no grupo evidenciou-se o relacionamento com a música, com as pessoas e com a cultura.

Palavras-chave: Grupos de Musicoterapia; Transtorno do Espectro Autista; Música; Sociedade.

ABSTRACT

This work aimed to investigate the sociocultural and musical manifestations of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) who participated in Music Therapy group sessions. Five sessions were performed, with two children with ASD, one music therapists and one music therapy undergraduate student. The sessions were recorded using video, observation protocols and report specification. Data were analysed according to their recurrence resulting in two categories: sociocultural and musical manifestations. The study indicated that group work with children with mild ASD was possible, as they showed, auditory sensitivity, expressiveness, culture appropriation, search for physical proximity and intention to communicate with the other participants.

Keywords: Groups of Music Therapy; Autism Spectrum Disorder; Music; Society.

⁹ Graduanda em Bacharelado em Musicoterapia, egressa em 2011 pela UNESPAR – Campus II Curitiba.

Contato: barbaravirginia.bvcf@gmail.com.

¹⁰ Professora da Faculdade de Artes do Paraná, curso de Musicoterapia. Doutora em Educação pela UFPR,

com estágio Pós-Doutoral na McGill University. Contato: rose05@uol.com.br.

ANAIS DO XVI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA e I Seminário Paranaense de Pesquisa em Musicoterapia. Volume 16 – 2015.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o Ministério da Saúde, em 2012, sancionou a Lei nº. 12.764 (BRASIL, 2012) de Política de Proteção dos Direitos de Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo e, segundo essa nova diretriz, a Rede do Sistema Único de Saúde (SUS) passa a contar com orientações relativas ao cuidado à saúde das famílias e das pessoas com este transtorno. “O plano tem objetivo de promover ações que deem um novo sentido e uma nova visibilidade para a vida dessas pessoas” (BORGES, 2012, p.28).

Entre os cuidados da saúde da criança com esse transtorno, encontra-se a Musicoterapia que utiliza da música e/ou seus elementos no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas do participante (UBAM, 2014).

Com o objetivo de investigar quais manifestações socioculturais e musicais as crianças com TEA expressariam ao participar de um processo musicoterapêutico em grupo procuramos na revisão teórica pesquisas sobre a abordagem grupal de crianças com TEA. Revelou-se nesse estudo que a predominância do tratamento do autismo era individualizada. É nesse intervalo do conhecimento que este trabalho se coloca e que pretende contribuir para a construção de saberes sobre o Transtorno de Espectro Autista, a Musicoterapia e áreas afins.

REVISÃO DE LITERATURA

Com o objetivo de fundamentar a proposta desta pesquisa foram estudados cinco artigos encontrados na portal científico Scientific Electronic Library Online (SciELO) de recente publicação (2010 – 2014), onze livros, uma dissertação de mestrado e dois trabalhos de conclusão de curso.

As leituras indicaram que o comportamento social de crianças no Transtorno do Espectro Autista, “mais do que um 'isolamento proposital' parece decorrer, principalmente, do comprometimento na ausência de compreensão acerca do que se quer dela [...] conhecida como 'cegueira mental'.” (SANINI, SIFUENTES, BOSA, 2013, p. 100).

A abordagem sócio histórica entende que o “componente social é determinante no processo de desenvolvimento de indivíduos e que o desenvolvimento de todas as funções tipicamente humanas, [...] se dá nas relações sociais mediadas pelos outros, pelos instrumentos, e pela linguagem.” (VYGOTSKY, 2000; GOÉS, 2002; PINTO; GOÉS, 2006; CARNEIRO *et al.*, 2006, *apud* BAGAROLLO *et al.*, 2013). Relacionadas a isso estão às brincadeiras, vistas como espaços em que a criança “refina o manejo do plano interpessoal, na interação com os demais, e elabora significações relativas à cultura, construindo encenações de personagens e de situações que refletem as ações e relações humanas vivenciadas em seu grupo social” (BONTEMPO, 1996; GÓES, 2000, citado por BAGAROLLO *et al.*, 2013, p. 109).

No contexto musicoterapêutico grupal, as relações sociais acontecem no *fazer* musical que consiste em formas comuns de ações coletivas como cantar, agir, interagir, falar, quando estas ações são mediadas pela música e pelos instrumentos musicais. Desta forma um instrumento, brinquedo, podem ser objetos de mediação entre o participante com o outro e/ou com o terapeuta, sendo um forte meio para conseguir a melhora da sociabilidade do autista (KRAMER, 2001) e contribuir para a diminuição de comportamentos ritualísticos. Assim, no fazer musical em grupo, envolvendo duplas ou pequenos grupos, a atividade lúdica musical terá como função ampliar e diversificar o repertório comunicativo das crianças com autismo podendo contribuir para o aumento da duração da atenção compartilhada, procedimentos educacionais e terapêuticos (FERNANDES, 2004 citado por BAGAROLLO *et al.*, 2013, p. 109).

As pessoas com este transtorno, que recebem maior oferta cultural e vivenciam experiências sociais de mais qualidade, tanto em terapia quanto em meios sociais (escolas, ônibus, igrejas) apresentam diferenças em relação àquelas sem tais estímulos (BAGAROLLO; RIBEIRO; PANHOCA, 2013). Desde modo, a partir dessa pesquisa, percebe-se que há a possibilidade e potencialidade de trabalho em grupo com crianças com TEA.

METODOLOGIA

Este trabalho, de caráter qualitativo, exploratório e de intervenção, foi fundamentado na visão sócio-histórica. Foram realizados cinco encontros, nos quais participaram duas pesquisadoras (orientadora e orientanda) e duas crianças do sexo masculino com grau leve de TEA, ou seja, apresentavam baixo nível de agressividade e possibilidade de convivência social.

O participante chamado pelo nome fictício Tom, 4, era filho único e vivia com o pai e a mãe. No tempo de sua participação na pesquisa não frequentava a escola. Já o participante denominado Bob, 10, possuía um irmão que não morava mais com o pai e a mãe, sendo tratado como filho único e frequentava a escola. Os participantes foram convidados para participar do trabalho após a realização de entrevistas com os pais. Os meninos se encontravam dentro dos critérios de inclusão pois apresentavam: a) possibilidade de interagir com outras pessoas, b) personalidade não agressiva e c) interesse por música. A diferença de idade entre os dois meninos foi considerada, porém, as mães relataram que o convívio com as pessoas de diferentes idades não constituía problema. O papel das mães neste pesquisa foi fundamental. Elas permaneciam na instituição no horário dos atendimentos, ficavam à disposição (do lado de fora da sala de musicoterapia) para qualquer ocorrência que necessitasse das suas supervisões.

Após os atendimentos, havia sempre uma breve conversa entre as mães. Essas trocas de informações foram importantes para a análise do processo. As expressões ocorridas nos encontros foram registradas em vídeos, protocolos de observação e relatório descritivo (a partir das filmagens). Dos cinco encontros realizados quatro foram registrados. Na sala em que ocorreram os encontros os instrumentos estavam espalhados no tapete de EVA, para que as crianças se relacionassem espontaneamente com o que estava ao seu redor. Priorizou-se, nas interações corporais e atividades, nas movimentações e no deslocamento no espaço, evitando-se o uso de cadeiras.

Embora predominasse a livre expressão dos participantes na sucessão dos encontros, houve a construção de uma estrutura regular de ação: 1) o início com os instrumentos espalhados no tapete de EVA; 2) o acolhimento sonoro às

manifestações musicais/sonoras dos participantes e 3) o momento de despedida, com a canção Guarda - - Guarda. A abordagem utilizada centrou-se nas relações sociais e históricas que o indivíduo constrói com os elementos de seu meio e cultura (BROUGÈRE, 2004). Nas manifestações musicais/sonoras predominaram as improvisações, razão pela qual foram utilizadas as técnicas de Musicoterapia Improvisacional escritas por Bruscia (2000) para dar forma às experiências sonoras vivenciadas com os participantes.

No conjunto dos encontros, destacaram-se algumas manifestações dos participantes e as recorrentes foram analisadas e categorizadas. As expressões foram agrupadas em duas categorias: a) manifestações musicais, aqui entendidas pela exploração dos instrumentos e os diálogos sonoro-musicais, b) manifestações socioculturais, que foram as formas de interação social, diálogos, contatos ou evitação destes participantes. A postura das pesquisadoras foi a de acolher as interações sonoras e corporais das crianças de maneira a não restringir a espontaneidade dos participantes.

GUARDA GUARDA

Guar - da guar - da'os ins - tru - men - tos va - mos guar dar

guar - da guar - da'os ins - tru - men - tos no - me vai me'a - ju - dar

APRESENTAÇÃO DOS DADOS¹¹

1. Manifestações Musicais

Nestas interações destacaram-se as expressões sonoro-musicais originadas do fazer musical, das experiências dos participantes com a música (BRUSCIA, 2000). Essa música foi produzida por eles, com os instrumentos musicais ou pela voz, e resultaram na produção de sons, melodias e rimas. As manifestações categorizadas compreenderam:

1.1. Experimentação sonora

Durante um curto período de tempo os participantes demonstraram curiosidade e ímpeto para explorar novos instrumentos, uma característica pouco comum em crianças com TEA, as quais, de acordo com DSM V (2014), possuem interesses restritos.

1.2. Exploração sonora

A exploração sonora se tornou para os participantes um “lugar-comum” (COOK, 2007) de descobertas tímbricas, propriedades sonoras, sensoriais e de articulações de papéis sociais. Os instrumentos foram: percutidos nas regiões grave, média e aguda; explorados em suas diferentes texturas como metais, madeiras, peles e plástico e as articulações de papéis sociais resultaram em contrastes sonoros conforme a permissão que cada participante deu à sonoridade alheia.

Foi nesse tempo de explorar, escutar e interagir com o outro (COOK, 2007) que os meninos adquiriram posturas diferentes no ambiente e se permitiram ingressar no desconhecido. Essa relação, muitas vezes foi individualizada, englobou uma criança e o som, outras vezes eles interagiram de forma mais ampliada na tentativa de atingir o grupo.

1.3 Propriedades do som

Propriedades sonoras, são características qualitativas do som, um desmembrar da massa sonora ouvida. Foram recorrentes a intensidade forte, a altura na região aguda e o interesse tímbrico do instrumental sonoro.

1.3.1. Intensidade sonora

¹¹Legenda: Bob, refere-se ao participante de 10 anos. Tom, refere-se ao participante de 4 anos; P1, pesquisadora musicoterapeuta (orientadora) e P2, participante estagiária (orientanda).

Entendida como “a carga de energia do impulso humano sobre o instrumento” (MAGNANI, 1996, p. 77), nos encontros houve recorrência de dois fatores: a) percebiam a diferença de intensidade, e b) as explorações foram em intensidade forte (*f*) e fortíssimo (*ff*).

1.3.2. Altura

“Sensação psicológica, que possibilita o reconhecimento de um som na gama que vai do som mais grave ao mais agudo” (MAGNANI, 1996, p.76), nos encontros a região predominante da altura foi à aguda; esta foi expressa principalmente na voz dos participantes do que nos instrumentos em geral. O participante que mais assumiu esta região foi o Bob e o som da sua voz se aproximava das sonoridades de desenhos animados.

1.3.3. Timbre

O timbre é a sonoridade peculiar de cada instrumento. Observou-se o interesse dos participantes pelas diferenciações tímbricas, variação de tamanhos e cores dos instrumentos e pela busca tímbrica de sonoridades em objetos existentes na sala.

Nos encontros foram disponibilizados: teclado, tam tam, rebolo, bongô, caxixi, violão, piano, bateria, triângulo, metalofone, prato da bateria, prato de mãos, mini-bateria artesanal, xilofone, flauta de êmbolo, coco, formando um amplo plano tímbrico. Além dos instrumentos, a bola Suíça (de fisioterapia) também foi considerada como um objeto-sonoro pelo seu uso percussivo.

1.4 Ritmo

Ritmo é elemento básico, dinâmico e potente na música, é o estímulo orientador de processos psicomotores que promovem a execução de movimentos controlados” (PADILHA, 2008, p. 49). O ritmo foi especial para os meninos, chamou a atenção antes dos outros elementos sonoros. Houve uma recorrência do pulso, de células binárias e quaternárias, na execução sonora dos meninos.

BOLA BOLA

Rosemyriam C.



1.5. Sons vocais com a intenção de cantar

Foram expressões vocais sem o uso da palavra (balbucios, vocalizações) que se aproximavam do canto/intenção de cantar. Esta manifestação pareceu potencial para o desenvolvimento das crianças que apresentam déficits linguísticos graves, como no TEA. Elas podem se beneficiar de interações relacionadas ao canto, uma vez que essa ação estimula a emissão da voz.

1.6. Improvisações

Foram consideradas improvisações as ações do participante de fazer música tocando ou cantando, criando uma melodia, um ritmo, uma canção ou uma peça musical de improviso, executando-as sozinho, em dueto ou em grupo (BRUSCIA, 2000). A presença das pesquisadoras foi importante neste momento, pois deram forma à expressividade musical dos participantes.

Foram considerados: A) as improvisações que continham uma contação de história acompanhada por uma base musical. Geralmente estas improvisações foram acompanhadas pela estrutura de canção (estrofe-refrão-estrofe). Nesse momento foram produzidas as canções Melhores Amigos; B) improvisação apenas pela utilização de instrumentos musicais. Por exemplo, foi produzido um eco entre o prato tocado por Bob, pandeiro tocado por P1, bongô tocado por P2 e o bulbo da

MELHORES AMIGOS

Bárbara V.

Me - lho - res a - mi - gos são:
Car - los, Jo - sé, A - li - ce, Re - nan.

bateria tocado pelo Tom. Frith (1998, p. 273), entende que “fazer música é um processo social”. Quando ressoamos com uma música, com os sons, construímos um tipo de aliança afetiva e emocional. Deste modo, percebemos uma integridade grupal nessas improvisações.

2. Manifestações Socioculturais

Considerou-se que os aspectos socioculturais, as palavras, os pensamentos e as ações das pessoas são profundamente influenciadas pelas circunstâncias sociais na qual ocorrem do que chamamos de processo de socialização (MARTIN,1995). No fazer musical coletivo, ao compartilhar elementos de sua cultura, as pessoas se envolvem em ações colaborativas (BECKER, 1997). Desta maneira, a categorização desses dados seguiu sete categorias:

2.1. Discurso verbal e pré-verbal

Evidenciamos no contexto sociocultural que se formou a cada encontro vivenciado, que os participantes proferiram discursos com intenção comunicativa, ou seja, embora a estrutura sintática das frases fosse diferente da forma culturalmente aceita, eles expressavam seus pensamentos por meio de suas falas, no âmbito de suas possibilidades. Isto foi recorrente no grupo, e, então o categorizamos pelo chamado, discurso verbal e pré-verbal. No discurso pré-verbal, foram considerados emissões pré-verbais de contexto comunicativo. Sobre o discurso verbal, foi aqui considerado um recurso de trocas sociais, pontes entre as pessoas (BAKHTIN,1993). Nesta classificação os participantes, com ênfase em Bob, o qual já se apropriara do discurso verbal, expressou histórias e roteiros protagonizadas por dois bonecos (Mario e Luigi), personagens de jogos de videogame relatando suas aventuras. E também o uso de palavras isoladas como forma comunicativa para chamar as pessoas, dar nome aos objetos e chamar a atenção dos participantes para um fato como “é”, “não”, “âh”. Esses fenômenos comunicativos e comportamentais resultam de um longo e complexo processo por meio do qual aprendemos a agir em concordância com as convenções que predominam no meio ao redor (MARTIN, 1995)

2.2. Uso adequado de objetos e instrumentos musicais no ambiente.

Foram considerados o uso dos objetos e instrumentos musicais dentro dos padrões da nossa cultura demonstrou-se que os participantes estavam familiarizados com as normas estabelecidas na cultura que eles viviam. Estas evidências ocorreram nos casos, por exemplo, quando Tom pegou o triângulo metálico com a baqueta e os tocou.

2.3. Apropriação de elementos midiáticos

Nesta categoria foram considerados os elementos midiáticos trazidos pelo participante Bob nos encontros. Por exemplo, Bob trazia e personificava personagens de videogame como Mario e Luigi (bonecos de pelúcia) e inserção dos personagens Power Rangers e Sonic nas improvisações musicais. Os elementos midiáticos aqui expostos podem ser definidos em relação a uma representação social e transmitir à criança certos conteúdos simbólicos, imagens e representações produzidas pela sociedade que a cerca, sendo vetores importantes no processo de socialização (BROUGÈRE,2004).

2.4 Compartilhar objetos e instrumentos musicais

Foram as interações entre os participantes quando utilizavam o mesmo objeto e comunicavam-se entre si na prática musicoterapêutica, facilitando as relações interpessoais (CRAVEIRO DE SÁ, 2003). Por exemplo, quando Bob e Tom jogaram a bola um para o outro incluindo as pesquisadoras.

2.5 Busca por proximidade

Foi quando o participante por iniciativa própria, se aproximara do outro na tentativa de interagir com ele, incluindo as pesquisadoras. Por exemplo: 1) quando Bob sugeriu para que tocássemos todos juntos e Tom acompanhou com a voz. Caso não houvesse esse interesse, eles poderiam ter se isolado, executado movimentos estereotipados. Mas ao invés disso, preferiram encarar o desafio na relação com o outro e buscar uma resolução.

2.5. Interesse em Comum

Foram os momentos em que os participantes se interessaram pelo mesmo instrumento e houve a necessidade de uma forma de negociação entre ele. Cada participante nessa experiência precisou mobilizar seus próprios recursos como estratégias para resolver àquelas situações. Bagarollo *et al.* (2013) nos convida a

pensar o fato das crianças com autismo apresentarem dificuldades em interagirem socialmente pode estar fortemente vinculado à falta de experiências de estímulo social, como brincadeiras, convivência em espaços públicos, e não apenas devido a causa orgânica, ou seja, do sistema biológico.

2.6. Interação Musical

Consideramos interação musical, quando os participantes, em instrumentos diferentes, interagem musicalmente. Estas manifestações intermusicais foram as que ocorreram com mais frequência nos encontros. Mesmo quando os participantes estavam distantes uns dos outros, havia interação via música e uma qualidade estética agradável aos ouvidos. Dessa forma, evidenciou-se também a acuidade auditiva, processos de sociabilidade na música e potência da musicalidade dos participantes.

REFLEXÃO FINAL

Esta pesquisa se propôs a observar, o encontro entre crianças no Transtorno do Espectro Autista, no decorrer da prática musicoterapêutica em grupo. Sob uma perspectiva teórica social, que preconizou o fortalecimento das potencialidades e possibilidades de ação dos participantes no momento das vivências. O objetivo dessa pesquisa foi investigar as manifestações musicais e socioculturais dos participantes quando exploravam sonoridades e produziam música em grupo.

Evidenciou-se neste trabalho, o interesse dos participantes na exploração sonora de objetos, de instrumentos e do espaço que foi disponibilizado para a interação. Notou-se que a exploração sonora permitiu descobertas, contato com o novo, negociações, resolução de problemas e, ao mesmo tempo, o enfrentamento de conflitos e a descarga emocional. Um dado interessante foi o contraste das idades dos participantes que, embora fossem diferentes e os interesses nem sempre convergentes, houve possibilidade de compartilhamento e de realização de ações coletivas entre todas as pessoas que estiveram envolvidas nas vivências.

No decorrer do processo de investigação, foi possível notar que os parâmetros musicais: intensidade, altura e timbre, se tornaram elementos que facilitaram a comunicação entre o grupo. Esse fato pode ser atribuído ao interesse visível dos meninos pela produção e exploração sonora. Houve destaque para o

ANAIS DO XVI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA e I Seminário Paranaense de Pesquisa em Musicoterapia. Volume 16 – 2015.

ritmo, o qual prevaleceu sobre os outros elementos musicais nas interações e, dessa forma mostrou-se um disparador para a interação musical e social com os participantes.

As ações e novidades criadas pelos participantes foram acolhidas, vividas e compartilhadas pelas pesquisadoras, assim como os participantes nos aceitaram e nos acrescentaram ao rol de seus pares sociais. Essa troca significativa deu sustentação a todo o nosso trabalho, pois foi fundamental a construção de um ambiente de confiança, que possibilitasse a expressão de *ser* no espaço grupal. Todo esse processo aconteceu e se estruturou com base no fazer musical e nas técnicas específicas da musicoterapia, de modo que deu segurança às pesquisadoras tanto para desenvolver o estudo como para seguir com o trabalho com os meninos depois de terminada a construção dos dados.

Essa dinâmica existencial, que se evidenciou no decorrer da pesquisa, deixou em destaque o papel e a sensibilidade do profissional musicoterapeuta, uma vez que nossa prática abrange diferenças, complexidades. Fato que atribuiu ao campo da investigação uma delicadeza e um cuidado específico: observarmos nossa própria ação, e esta ação construiu vínculos, sinalizou convivência, produziu trocas sociais. Todos esses foram elementos humanizadores, logo, produtores potenciais de um desenvolvimento saudável, mesmo que inserido nas reais possibilidades de cada participante.

Esperamos que, a partir deste trabalho, possamos expandir a pesquisa da prática musicoterapêutica em grupo com pessoas no TEA. Nos dedicamos a esse trabalho por mais de um ano – a pesquisa teve início no Programa de Iniciação Científica (PIC), e foi aqui ampliada e aprofundada, fato que nos mostrou um horizonte fértil em dúvidas e incógnitas que demandam por estudos. Esperamos, porém, que os pontos aqui ressaltados movimentem e modifiquem as dinâmicas interacionais com crianças que querem brincar e conhecer o mundo, mesmo que tenham consigo o signo do TEA.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais** DSM V. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAGAROLLO, M. F.; RIBEIRO, V. V.; PANHOCA, I. O Brincar de uma Criança Autista sob a Ótica da Perspectiva Histórico-Cultural. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 19, n.1,p.107-120, 2013/ Jan.-Mar. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000100008&lang=pt>. Acesso em: 20/10/2014.

BRASIL. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. **Núcleo de Assessoramento à Promotoria de Justiça da Pessoa com Deficiência**. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 19/10/2014.

BAKHTIN, M. **Questões de Estética e de Literatura**; 3ª ed,S. Paulo, UNESP/Hucitec.1993

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 5 ed.,São Paulo, Ed. Cortez. 2004.

BECKER, Howard. **Tricks of the Trade – How to think about your research while you’re doing it**. Chicago: The Univ. of Chicago Press, 1998.

BENENZON, Rolando. **O autismo, a família, a instituição e a musicoterapia**. Tradução de Rogério Lima; Revisão de Lia Rejane Mendes Barcellos. Rio de Janeiro, RJ: Enelivros, 1987.

BERTOLUCHI, M.A. **Autismo, Musicalização e Musicoterapia**, Artiso Meloteca, 2011.

BORGES, Mirela Millan. **Integração Sensorial, Metodologias Responsivas e Educação Musical: refletindo pedagogias possíveis para a educação da criança com Transtorno do Espectro do Autismo**. 2013. Monografia. Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2013.

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. Enelivros. RJ. 2000.

COOK, Nicholas. **Fazendo música juntos**. Revista Per Musi - Revista Acadêmica de Música, nº 16, p. 86, jul-dez., 2007.

CRAVEIRO DE SÁ, L. **A teia do tempo e o autista: música e musicoterapia**. Goiânia, GO: Ed. UFG, 2003.

FREITAS, M. T. A. A pesquisa na perspectiva sócio-histórica: um diálogo entre paradigmas.. In: **26ª Reunião Anual da Anped**, 2003, Poços de Caldas. 26ª

ANAIS DO XVI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA e I Seminário Paranaense de Pesquisa em Musicoterapia. Volume 16 – 2015.

Reunião Anual da Anped. Novo Governo. Novas Políticas? : CD-ROM, 2003. v. 1.

FRITH, S. **Performing Rites**. Cambridge: Ed. Harvard University Press, 1998.

KRAMER, Cristiane de Cassia. **A musicoterapia e o autismo**. 34 f. TCC (Curso de Musicoterapia) - Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 2001.

MAGNANI, Sergio. **Expressão e comunicação na linguagem da música**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

MARTIN, Peter. **Sounds and Society**. Manchester: Manchester University Press. 1995. Horizonte: Editora UFMG, 1996.

PADILHA, P. C. do M. **A musicoterapia no Tratamento de Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo**. Mestrado Integrado em Medicina. Rio Grande do Sul. 2008/maio.

SANINI, C.; SIFUENTES, M.; BOSA, A. C. Competência Social e Autismo: O Papel do Contexto da Brincadeira com Pares. **Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 1, p. 99-105, 2013/Jan.-Mar. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382013000100008&lang=pt>. Acesso em: 20/10/14.

WEHNUTH, M.; ANTONIUK, A. S. Transtorno do Espectro Autista: Aspectos Gerais. In: WEHNUTH, M.; ANTONIUK, A. S. **Autismo: perspectivas no dia a dia**. 1ª ed. Curitiba: Ed. Íthala, 2013. p. 25-33